



amplificadora



**VISON**  
Handmade in Berlin

JOSE VITOR

Home

Notícias

Reportagens

Audiofilia Aguda

Audiofilia Crónica

Arquivo

PUBLICIDADE



## Audiofilia Aguda



3 Jul 2006

### NUFORCE REFERENCE 9 SE - PARTE 1: INTRODUÇÃO teste auditivo

O teste auditivo dos Nuforce 9SE, cuja publicação agora se inicia por fases, constituiu a prova mais difícil de ultrapassar de toda a minha carreira de crítico amador. Em primeiro lugar porque põe em causa muitos dos mitos, convicções e convenções que sempre defendi. Em segundo lugar, porque já foram publicados dezenas de outros testes, análises e artigos de opinião, por críticos de todo o mundo que, com uma única exceção que confirma a regra, os colocam ao nível dos melhores amplificadores a qualquer preço em qualquer lugar. Ora, é possível enganar algumas pessoas durante algum tempo, mas não todas as pessoas durante o tempo todo...



As críticas são tão positivas e as conclusões tão definitivas que eliminam à partida qualquer veleidade de alguém pôr em causa o que foi dito, escrito e publicado na imprensa especializada mundial, sob pena de se cobrir de ridículo: e quem sou eu, que moro no sopé da serra de Sintra, logo não passo de um saloio, para contrariar as opiniões dos melhores críticos do planeta, incluindo Harry Pearson?...

Pesquisa:



Assumo que conheço muitos destes críticos famosos e, até por isso, não lhes reconheço autoridade ou superioridade moral (alguns são bem mais saloios do que eu...), além de que tenho o legítimo direito a ter a minha própria opinião, mesmo que discordante. Acontece que é coincidente - nem podia deixar de ser, pois as virtudes sonoras dos Nuforce são tão imediatamente óbvias que nenhuma pessoa honesta e de bom senso as pode desmentir - embora o leitor não deva confundir a razoabilidade da concordância, patente na simples leitura comparativa do meu e dos restantes testes (desta vez não fui o primeiro, hélas...), com sujeição ou submissão total ao peso da opinião maioritária. Escrevo para uma imensa minoria (para parafrasear o saudoso slogan do XFM) e estou-me borrifando para o que a maioria pensa - a não ser que a maioria pense como eu...

O facto de me ter integrado com prazer no coro de elogios aos Nuforce não é impeditivo de eu ousar “desafinar”, aqui e ali, nem a “desafinação” deve ser entendida como uma simples vontade pueril de ser diferente. Admito que li todas as críticas publicadas sobre os Nuforce 9.02 e SE antes de escrever a minha e sugiro que faça o mesmo, embora nada substitua a audição se pretende comprá-los. No áudio como na saúde, uma segunda opinião é sempre aconselhável, mas nós é que damos o corpinho ao manifesto...

Terminada a leitura intensiva, tentei fazer “tabula rasa” no meu espírito para que cada som ficasse nele gravado como se fosse o primeiro. Que as minhas conclusões finais não sejam muito diferentes - ainda que não totalmente coincidentes - só vem confirmar o sortilégio único destes amplificadores revolucionários. Ou então, que apesar dos meus esforços, eu me deixei influenciar...



O teste do NuForce 9 desenvolveu-se em duas fases. Após um primeiro contacto, no âmbito do Artaudio RoadShow, ouvi em minha casa, a título de curiosidade audiófila, a versão 9.02, durante um período de cerca de duas semanas. Seguiu-se um hiato de cerca de um mês e meio e, entretanto, chegou-me finalmente às mãos para um teste auditivo formal a desejada versão 9SE, concebida, segundo o fabricante, para “agradar” aos críticos e audiófilos fundamentalistas, desta vez já com o compromisso assumido de ser publicado no Hificlube. É o cumprimento tácito desse compromisso que aqui se inicia hoje aproveitando o intervalo do Campeonato do Mundo.

Não fiz qualquer comparação A/B entre o .02 e o SE, pelo que as referências são ditadas apenas de cor, um processo algo falível. Para melhor situar os leitores e marcar a minha posição de partida, recorro o que escrevi sobre os Nuforce 9.02, depois de os ouvir pela primeira vez no Hotel Açores:

“Durante cerca de uma hora, ouvi vários géneros musicais e diferentes tipos de gravação, e apraz-me registar que, independentemente da classe de amplificação, os Nuforce são amplificadores com muita... classe: elevada transparência, sem excesso de claridade ou ênfase; total ausência de grão (logo de fadiga auditiva: apetece ouvir sempre mais); graves articulados, entrosados e harmonicamente ricos, algo de muito raro em amplificadores com estas características e preço; elevada resolução e luminosidade dos registos médios, com definição e recorte perfeitos; agudos informativos, extensos e doces. Aqui e ali notei uma ligeira dureza nos registos médio-altos, que atribuo às gravações e à coloração típica dos altifalantes de kevlar das B&W, por oposição ao painel electrostático das Summit, a que tenho os ouvidos talvez demasiado habituados. Também senti falta do poder e extensão do grave do conjunto Krell/Summit. Contudo, os Nuforce soaram-me quase sempre como se estivesse a ouvir os Halcro dm58: a mesma neutralidade e textura uniforme do espectro sonoro, com fantástica reprodução das vozes; maravilhosa ausência de modulação no agudo (no som das flautas, em La Folia, por exemplo), surpreendente riqueza “cromática” (imagens acústicas ricas de “cor” e forma) e incrível capacidade microdinâmica. Habemus amplificador!...”

Mais tarde, já no remanso do lar, voltei a utilizar os Nuforce 9.02 a meu bel prazer, desta vez como amplificação de referência no teste da B&W CM1 disponível na integra no Hificlube:

“Os NuForce Reference 9 andavam aqui por casa em período de aclimação antes da chegada da versão SE. Ora as Summit são incompatíveis com os Nuforce (é necessário fazer o *upgrade* da fonte de alimentação das Summit - ver teste). Assim as CM1 tiveram a rara felicidade de serem acolitadas por um par de amplificadores NuForce Reference 9, que são notáveis na capacidade revelada para “energizar” colunas de pequeno porte, conferindo aos graves, além de mais uma oitava aparente em extensão, poder, ataque, ritmo, articulação, definição e informação, a que se junta uma inusitada transparência e claridade, fruto da baixa distorção nesta importante área do espectro sonoro, e um controlo férreo resultante do elevado factor de amortecimento, cujo efeito instantâneo de “para-arranca” não cessa de me surpreender. O som seco (mas nunca estéril), transparente e incolor dos Nuforce é extensivo aos registos médios. De tal forma que denunciaram de imediato as diferenças entre as CM1 e as Concertino...”.

Sem beliscar a minha impressão inicial sobre o desempenho dos Nuforce 9.02, que mantenho, reforço e subscrevo integralmente, a audição continuada revelou, contudo, alguns “bugs” que, não pondo em causa a qualidade do projecto, só são admissíveis porque impende sobre os NuForce uma certa auréola idealista de “artesanato religioso”, além das idiossincrasias próprias da tecnologia de Classe D, apesar da implementação revolucionária, sem dúvida, que justificaria, por si só, uma nova designação (eu proponho a Classe N), pois é mais “analógica” que “digital” na sua génese.

O Nuforce 9SE, que aqui se analisa, pretende ser a versão audiófila do modelo 9 original, uma espécie de “Reserva Especial” do que à partida já era um amplificador de grande qualidade. Até lhe mudaram a cor para não haver dúvidas: os SE são ruivos, cor de cobre, e têm agora na fonte de alimentação uma bateria de condensadores. Acontece que eu preferia que tivessem mantido a cor preta e resolvessem antes alguns dos tais “bugs”, nomeadamente o ruído de comutação, que continua a ouvir-se nas colunas quando se liga inicialmente ( *c'mon guys* , isto já não se usa: que tal mais um relézinho?), e a óbvia presença de RF, que torna quase impossível ouvir rádio na presença dos NuForce e obriga a utilizar cabos de corrente bem blindados, devido à utilização de uma portadora a 500kHz para modular a fonte de alimentação comutada, cuja filtragem não é suficientemente eficaz, nem mesmo com as ferrites utilizadas para enrolar e proteger a cablagem interna. O condensador em paralelo nos bornes de saída também não está lá a fazer nada e devia ser substituído por um condensador independente por canal entre cada borne e o chassis, isto segundo Sander Sassen, da Hardware Analysis, a única voz discordante no coro de elogios. Diz-nos o fabricante que é o preço a pagar para poder ter toda esta “potência limpa” disponível. Enfim, Tran Nguyen, o homem que projectou o Nuforce e também a fonte de alimentação do míssil Tomahawk deve saber o que está a fazer. O NuForce é, de facto, uma bomba!...



Aliás, também os ICE, os CIA e até os Halcro sofrem desta síndrome da RF que surge nos osciloscópios como “ringing” excessivo nas ondas quadradas de alta frequência. A vibração pode ser filtrada mas a distorção continua lá. Não há nada a fazer, é assim mesmo. É por isso que os amplificadores de Classe D têm limitação de banda acima dos 20kHz. Os NuForce são a excepção, pois, ao manterem a banda “aberta” até aos 70kHz,

“empurram” a inevitável distorção para patamares acima da banda áudio, com todos os inconvenientes que isso acarreta em Classe D. É uma vez mais o preço a pagar pela inacreditável transparência do som. Os NuForce têm, contudo, algumas vantagens óbvias: elevada eficiência, um espectacular factor de amortecimento (4000!) e imunidade (ou quase) face à impedância das colunas a alimentar.



Os NuForce devem ser os amplificadores com mais informação disponível na Internet: informação técnica, testes, artigos e opiniões de críticos e consumidores. Assim, sinto-me um pouco frustrado, até porque nada do que eu possa escrever aqui é novidade ou vai adiantar o que quer que seja a tudo o que já foi dito e escrito por esse mundo fora. É por isso que senti alguma relutância e atrasei para lá do razoável a publicação deste teste. Aliás, os leitores que dominam o inglês, não precisam da minha opinião para nada, pois podem facilmente aceder às descrições técnicas do fabricante, poupando-me, no meu caso, ao trabalho de as traduzir; e, no caso de todos os outros críticos, que têm a vantagem de escrever em inglês, de os transcrever simplesmente, tentando dar a impressão de que percebem alguma coisa do assunto: basta comparar para verificar que são todas iguais...

Vou limitar-me, pois, a dar a minha opinião sobre aquilo que ouvi de diferente entre os 9.02 e os SE. No fundo, creio, é isso que os leitores pretendem: que eu escreva preto no branco se o NuForce SE é melhor que o 9.02 e justifica a diferença de preço. Ou quiçá se será o melhor amplificador do mundo e arredores...

*Continua*

**José Victor Henriques**

**E-mail:** [jvhsom@netcabo.p](mailto:jvhsom@netcabo.p)

#### **Artigos Relacionados:**

- NUFORCE 9SE: PARTE 2 - SIMPLY RED

[Voltar acima](#)




26 Jul Qua 12:2H

JOSE VITOR

Home Notícias Reportagens Audiofilia Aguda Audiofilia Crónica Arquivo

PUBLICIDADE



Pesquisa:



## Audiofilia Aguda



10 Jul 2006

### NUFORCE 9SE: PARTE 2 - SIMPLY RED

#### Classe D

Positive Feedback, Soundstage, 6moons, StereoTimes, UltraAudio The Absolute Sound, Hifi World, Haute Fidelité, e tantas outras, da Holanda, Suécia, África do Sul, etc, renderam-se incondicionalmen à revolução Nuforce. Ao ler as citações e testes das melhores revistas audiófilas internacionais, o leitor chega até a pensar que se trata de uma conspiração da imprensa contra o conservadorismo vigente no reino da audiofilia, com o objectivo declarado de colocar os Nuforce no poder. O Hificlube ouviu-os "discursar" - e juntou-se revolução da Classe D...

Até ao final da década, a nossa querida EU pretende impor por decreto, entre outras coisas mirabolantes, como proibir a matança do porco e o queijo da Serra não-pasteurizado em Portugal (mas não os toiros de morte, os jaquinzinhos e as betingas em Espanha), a rádio digital, a televisão digital terrestre (que não é o mesmo que HDTV) e as fontes comutadas nos aparelhos electrónicos. Estas, sobretudo, porque além de introduzirem menos ruído na rede eléctrica, poupam energia. Os chamados " *switching amplifiers* ", também conhecidos por "Classe D", como os NuForce, e todos os outros baseados nos módulos de amplificação Hypex, ICE (BelCanto, Jeff Rowland) e Tripath, têm uma eficiência superior a 80%.

A "Classe D" não implica obrigatoriamente uma daquelas fontes comutadas levezinhas isentas de transformador: os CIA, Channel Island Audio, baseados nos Hypex, de Bruno Putzeys, utilizam transformadores toroidais na fonte de alimentação. Há quem considere que os módulos Hypex são os únicos realmente audiófilos, porque todos os outros, incluindo os Nuforce, têm demasiada THD e a resposta em frequência acima dos 20kHz dispara aí uns 10dB, resultando numa falsa sensação de clareza e transparência.

Na revista Vídeo&DVD de Abril 2006, foi publicado um artigo de Bruno Putzeys onde ele defende a sua dama. O artigo técnico em inglês pode ser lido na net em pdf (ver links no final do texto). Claro que a presunção é como a água benta e, nos testes técnicos aos CIA publicados na Stereophile, verifica-se que os módulos Hypex sofrem dos mesmos problemas de todos os outros amplificadores de Classe D, nomeadamente *ringing* e *overshoot* presente nas ondas quadradas de alta frequência.

Ou seja, os CIA deixam passar a distorção e a RFI por entre os dedos do mesmo modo que a sua homóloga CIA deixou passar os terroristas. A vantagem dos Hypex é que podemos comprá-los muito mais baratos directamente em kit DIY.

Os Hypex e os Nuforce são muito parecidos, na medida em que, sendo ambos de Classe D, são, no fundo, amplificadores analógicos. Bruno Putzeys explica tudo muito bem no site da Hypex e, no site da Nuforce, também está lá tudo tim-tim por tim-tim, mas optemos pela explicação de Sander Sassem, da Hardware Analysis, que, além de ser independente, é também mais fácil de entender por todos:

*Although class-D is often referred to as being a 'digital amplifier' that's not an accurate statement at all. There's nothing digital about these amplifiers, so the 'D' in class-D has no relevance to the word digital. In essence the amplifier works much like an AM-radio. The amplifier oscillates at a given frequency, usually around 400KHz, which is called the carrier-frequency. The audio-signal is then mixed in with this carrier-frequency, so the*

*carrier-frequency becomes amplitude modulated (AM) by the audio-signal, similar to AM-radio signals. This mixed signal is then amplified and fed through an output filter. This output-filter, which is a classical 12dB/oct. low-pass L/C filter, will filter out the carrier-frequency; hence the net result available at the amplifier's output will be the amplified audio-signal. Class-D offers a number of advantages over the established amplifier technologies such as class-AB. A distinct advantage of this technology is the fact that distortion is kept at a set level across all frequencies. Another advantage is the high efficiency (~90%) requiring less cooling, less stringent power-supply constraints and enabling smaller amplifiers to be built.*



Os NuForce funcionam, portanto, segundo este princípio com algumas variantes. Sendo a principal vantagem o facto de a portadora ser analógica e não a habitual onda triangular que introduz *jitter* no sinal, também conhecida por “dente de serra”, dos amplificadores de Classe D, que esses sim podem considerar-se “digitais”, se bem que o único verdadeiramente digital seja o TACT (Lyngdorf) Millennium . Há, contudo, características, dos NuForce, longamente enumeradas [aqui](#), que são únicas. Debrucemo-nos apenas sobre aquelas que têm imediatas e óbvias implicações auditivas: a banda larga, o elevado factor de amortecimento e a ausência de filtro de saída, logo de rotação de fase, que se alega na especificações ser: zero!

A primeira sensação que temos quando ouvimos um amplificador NuForce é a de excepcional transparência dos registos médios e o controlo férreo ao nível dos graves que são explosivos e parecem descer mais uma oitava em relação aos amplificadores convencionais. Colunas monitoras de pequeno porte, que antes pareciam limitadas nos graves e anémicas no departamento dinâmico são como que injectadas por esteróides anabolisantes.

Tudo aquilo que se escreveu sobre como os NuForce conseguem separar, diferenciar, dividir, evidenciar as diferentes camadas acústicas nas misturas de estúdio complexas, ou na interacção sala/conteúdo nos registos ao vivo, ao ponto de passarmos a ouvir distintamente “coisas” que antes “não estavam lá”, é também verdade e demonstrável numa audição informal.

Já tenho algumas dúvidas sobre a alegada “limpeza” do agudo, embora não desminta liminarmente a justiça de outros termos utilizados com frequência na imprensa internacional, como “doçura” e “pureza cremosa”. É, aliás, aqui que eu tenho mais dificuldade em perceber como é que um “agudo”, que não perdoa a “sibilância” e a “metalização”, presente em certos registos, pode ao mesmo tempo soar “doce” e “correcto”. A verdade é que soa: sendo incisivo, ninguém de bom senso pode alegar que o agudo dos NuForce é agressivo.

Ao optar pela “rotação de fase zero” em detrimento de uma filtragem mais eficaz para eliminar a presença da portadora, a NuForce deixa-me perante um dilema. Por um lado, desejo que a RFI desapareça, por outro lado, a linearidade de fase favorece de tal forma o enfoque e estabilidade da imagem estereofónica que têm sido uma revelação diária em termos audiófilos. Tal como na imagem fotográfica ou vídeo, detesto a sensação de *fuzziness*, de ausência de definição, detalhe, recorte. O enfoque aqui tem a precisão dos

feixes laser das espingardas de precisão dos *snipers* : não foge um milímetro do alvo, acerta sempre entre os olhos, ou melhor entre os ouvidos...é tiro e queda.

Contudo, ao contrário de outros críticos, já não fiquei tão deslumbrado com a profundidade do palco sonoro (talvez as válvulas exagerem esta dimensão e eu precise de redefinir os meus conceitos). Do que não restam dúvidas, é que todos os sons ganham autonomia à nascença, libertando-se do jugo das colunas que passam apenas a ser um meio para atingir um fim: a reprodução exacta do conteúdo integral do disco. No plano lateral, o que com muitos amplificadores não passa de: esquerda, centro, direita, ganha aqui uma inesperada evolução geométrica. Mesmo com as colunas próximas uma da outra e ouvidas no campo próximo, como eu gosto, torna-se fácil fazer o mapa mental do palco em papel milimétrico, e apreciar assim melhor o trabalho do engenheiro de som sentado aos comandos da consola de mistura, na busca de espaço para colocar cada instrumento num ambiente sonoro sobrelotado. Com os Nuforce não há sobreposição de planos em nenhuma das três dimensões: largura, altura e profundidade. E cada casulo de ar que envolve os músicos tem cor e forma distintas, como se o timbre deixasse de ser exclusivo dos instrumentos.

Hélas, não posso negar que a RFI está lá e afecta a recepção de rádio. Na presença dos "9", o meu Tivoli One só reproduz o ruído da portadora. Com rádio, "noves" fora, portanto. Admito até que possa haver quem se sinta afectado subliminarmente pela presença de RFI e a identifique como grão. Que, aliás, tem também um efeito de auto-indução, pois substituindo os cabos de corrente de sector pelos Siltech, que são blindados, é possível, se não eliminar, pelo menos limitar, uma vaga sensação de "oxidação" no espectro superior dos sons metálicos, que inclui as cordas do piano.

No capítulo da dinâmica, entendida enquanto capacidade de "acelerar" entre um nível mínimo de sinal e um nível máximo, sem necessidade de alterar o volume de audição; ou no sentido mais vulgar de "energia" musical, este amplificador é absolutamente espantoso. Neste particular, lembra-me Céline Dion, uma cantora, também aparentemente anoréctica, que eu detestava, até que a ouvi cantar ao vivo, em Las Vegas. Além da presença elegante, da empatia com o público, da técnica vocal, dicção e respiração perfeitas, o que mais me surpreendeu foi a reserva de energia e a extensão em frequência: quando se pensa que ela já não tem capacidade para ir mais longe numa nota final, ela vai, e vai e vai... e somos nós que ficamos sem fôlego no fim.

Com os Nuforce os *crescendos* orquestrais...eh..."crescem" indefinidamente, na verdadeira acepção da palavra, como se não houvesse limite do tecto dinâmico. Neste particular, lembrem-me os Krells, embora no carácter estejam mais próximos dos Halcro, o que é dizer muito de um amplificador tão pequeno, tão leve e que, sendo igualmente *hot stuff*, quase não aquece...

O "9" não é "quente" no tom, é "quente" na energia musical que dele emana. Aliás, tanto os tons como os timbres residem no limite da fronteira da neutralidade. O problema é que termos vulgarmente utilizados, como "seco", que se aplicam amiúde a certos amplificadores convencionais, aqui não significam o mesmo. As vozes e instrumentos soam naturais, cheias, encorpadas, ainda que sem "adiposidades". Não soando "a transístores", o Nuforce situa-se nos antípodas das "válvulas". É esta "terra-de-ninguém" que me deixa perplexo e impotente para o descrever: a audição deve ser, pois, feita sem juízos prévios ou ideias preconcebidas, e exige todo um novo léxico para se poder transmitir a experiência auditiva sem soar a *déjà vu/entendu*.



Até agora, havia os “frutados” e os “secos”, os “eufônicos” e os “analíticos”, os “analógicos” e os “digitais”, os “emotivos” e os “cerebrais”. O Nuforce é tudo isso sem ser nada disso. Ora, quando isto acontece, há logo quem defenda que alguma coisa de muito errado se passa, porque nada nem ninguém pode ser algo e o seu contrário. E assim nasceu a versão SE, que é um claro compromisso para agradar aos críticos. O grave está no limite do “seco”? Vamos dar-lhe mais corpo. Os médios estão no limite do *glare*? Vamos torná-los mais cremosos. Os agudos são demasiado incisivos? Vamos “limá-los” um pouco... aproximá-los das válvulas. Como se ao adicionar mais manteiga e açúcar ao bolo perfeito se melhorasse a receita. E o que fez a Nuforce para conseguir isso? No site da Nuforce pode ler-se:

*· The Reference 9 SE incorporates an improved power supply board with a low-ESR capacitor bank. Further enhancements include a separate switching power supply for the analog front-end, and improvements to the signal input section, including higher performance input capacitors, and the installation of premium 6-nines, PCOCC oxygen-free copper input wiring. To accommodate these enhancements, the maximum continuous output power was lowered slightly as compared to the standard Reference 9.*

· Ou seja: agudos ainda mais doces sem comprometer a resposta em frequência; médios mais macios e palpáveis, sem alterar a estrutura harmónica; apresentação musical mais natural e relaxada; graves com a mesma tensão e textura mas com mais corpo. E...menos potência.

Uma vez mais a crítica entrou em parafuso. O que já era perfeito passou a ser mais-que-perfeito. E é aqui que eu discordo em parte. Admito sem medo de me contradizer que os objectivos foram atingidos: o grave é agora mais encorpado, os médios mais palpáveis e os agudos ainda mais refinados. Mas os SE perderam alguma “visceralidade”, eu diria mesmo “maldade”, a que não é alheia a ligeira baixa de potência. É que eu gosto de os ouvir “at the top of their lungs” e aqueles “wattzinhos” fazem-me falta. O grave está mais gostoso e sumarento, sem dúvida, mas perdeu um-tudo-nada no capítulo do ritmo, definição, transparência, extensão, poder e controlo. Se a memória não me está a pregar uma partida (a memória é falível e tem destas coisas...), fiquei mais impressionado com a “cruza dinâmica”, a “claridade deslumbrante” e o “feitio irascível” do grave do 9.02. O súbito “bom comportamento” do SE deixa-me, de novo, perplexo. Ou então, foi porque, desta vez, eu já estava preparado para o que aí vinha e não fui apanhado de surpresa.

Dito assim, o leitor pode até ficar com a ideia de que as diferenças são enormes. Não, elas são mínimas. Mas só há uma forma de as descrever: exagerando-as para as realçar. Aliás o próprio fabricante chama a atenção para o seguinte:

*The Reference 9 SE adds refinement and delicacy to the already excellent-sounding Ref 9. The tonal balance remains unaltered, and when used in less than the most revealing and transparent systems, the advantages of the SE may not be fully realized.*

Raramente prefiro a versão *standard* de um amplificador à *special edition*. A contradição é ainda maior quando eu sou o primeiro a admitir que a versão SE é “melhor” em todos os aspectos particulares referidos. Quando é que se pode considerar uma personalidade excessivamente exuberante ou apenas cheia de vida? Correndo o risco de ser considerado *the fool on the hill*, eu não trocava os 9.02 pelos SE. A Nuforce corrigiu, de facto, nos SE tudo (ou quase: continuam a ter o desagradável ruído de comutação e RFI) o que alegadamente estaria, não mal, mas menos bem, nos 9.02 - por mim podia ter mantido a cor preta (ugh!, pior só os DarTzeel que são dourados por fora e azuis e vermelhos por dentro...). Depois do choque inicial da primeira audição do 9.02, que abalou todas as minhas convicções audiófilas (há coisas que são reproduzidas de forma única pelos NuForce) talvez seja eu que tenha agora que me adaptar lentamente à nova realidade do SE. São demasiadas emoções em tão curto espaço de tempo...

No fim, cabe-lhe a si, caro leitor, decidir como sempre qual deles se adapta melhor ao seu perfil audiófilo (e económico), comparando ambos no seu sistema, nem que seja para concluir, como o Alberto Silva, que eu desta vez não tenho razão. Seja qual for a sua decisão, duvido que se arrependa. Até porque eu não quero ter sempre razão, eu só quero que você seja feliz...

#### **Nota:**

Em abono da verdade, declaro que os Nuforce 9SE não foram testados nas melhores condições logísticas e de equipamento complementar. O meu actual sistema de referência, que inclui um par de Martin Logan Summit, não pôde ser utilizado por indicação de Jim Powers, da Martin Logan. De facto, tendo sido alertado pela Nuforce de que existia alguma incompatibilidade entre os NuForce e as ML com graves activos, contactei-o, e Jim informou-me que as Summit e Vantage produzidas até final de 2005 tinham de sofrer um “upgrade” na fonte de alimentação (simples substituição de uma resistência). Segundo ele, a incompatibilidade não implica qualquer perigo para o equipamento, apenas a performance não é tão boa. Aliás, não tem lógica casar um amplificador, cuja principal virtude reside nos graves, com colunas activas. Assim sendo, utilizei no teste auditivo dos “9SE” apenas um par de Sonus Faber Concertino Home e um par de Martin Logan Clarity, apesar de ter disponível um par de Anthony Gallo Ref 3, que ficam para segundas núpcias. Se e quando se justificar será publicado no Hificlube um “Follow Up”.

Em termos tonais, os melhores resultados foram obtidos ligando um leitor-CD Marantz CD63 “Ken Ishiwata”, que tem saídas variáveis, directamente aos amplificadores com cabos Nordost Valhalla. Com o prévio McIntosh MC2200, no modo balanceado, com cabos Siltech longos (3 metros) para evitar interferências da RFI nas válvulas, achei o som mais artificial. Arrisco-me a concluir, sem carácter vinculativo, que os Nuforce soam melhor com prévios passivos (não testei o prévio NuForce).

Mais constatei que ambos os 9SE são “alérgicos” a filtros de corrente de sector como o excelente Isotek Titan, que lhes altera o equilíbrio tonal (o ligeiro “uptilt” que referi no meu teste do Titan, é aqui tudo menos... ligeiro). Do mesmo modo, os 9SE não beneficiam tanto como os 9.02 dos cabos de corrente da Siltech. Com tantas variáveis, este teste deve ser lido com uma pitada de sala e considerado não mais que um relato pessoal de uma experiência auditiva, estando sujeito a ser revisto no futuro próximo, logo que estejam criadas outras condições de trabalho. Acontece que eu não podia prolongar por mais tempo a sua publicação, por exigência dos leitores, e respeito pelo importador [Artaudio](#).

#### **Links:**

[Channel Islands Audio](#)

[Nuforce](#)

[Nuforce reviews](#)

[Hypex](#)

[Bruno Putzeys white paper](#)

[Stereophile: Hypex measurements](#)

[Hardware Analysis](#)

[Tecnologia Halcro, "white paper" de Bruce Candy em pdf](#)

---

**José Victor Henriques**

**E-mail:** [jvhsom@netcabo.p](mailto:jvhsom@netcabo.p)

---

**Artigos Relacionados:**

- [NUFORCE REFERENCE 9 SE - PARTE 1: INTRODUÇÃO](#)

---

[Voltar acima](#)

---